

MERRIMAC

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA, HUMORISTICA, CRITICA, SATIRICA E LITTERARIA

ANNO, 15\$000.— SEMESTRE, 8\$000.— TRÊMESTRE, 5\$000.— AVULSO. 500 RS.

Para reclamações e qualquer exigência no escriptorio desta folha, rua do Cano n. 169. e da Assembléa n. 34

ANNO 1

DOMINGO 13 DE DEZEMBRO, DE 1863.

N. 9

Litho de F. J. Monteiro & C.º Rua do Cano 169.

AGUA BENTA E.

POR BIXIQU JUNIOR.



Nhonho diz que immortalisa a gente, vou sempre chegar este colção, porque si elle cahir não quero que o Brasil tenha que lamentar uma grande desgraça!

O MERRIMAC. Typos perigosos.

I.

X PEQUENO.

(Continuação do n. 8.)

— X pequeno.

X. é uma mulher encantadora, verdadeiro *bijou* humano na phrase do elegante escriptor do « Pere Camarade. »

E' em toda a extensão da palavra e do titulo — um typo perigoso, porque encanta, apaixona, seduz e maltracta.

X. é excessivamente caprichosa, possui intelligencia, e não vulgar, unindo a uma habilidade espantosa a penetração a mais admiravel. Dir-se-hia uma mulher de lettras e do mais apurado estudo, no entanto *mirabile dictu* não sabe ler!

Sua estatura apesar de ser um pouco baixinha é esvelta e suas formas de uma regularidade artistica embellesão, enthusiasmo e arrebatão ao mais pheugmatico Laponio.

A miopia dá lugar ao uso de uma luneta buliçosa e provocadora.

Seo olhar, pôde-se dizer como Alfredo de Musset—« E' um olhar que atravessa o objecto fictado, e que não morre no caminho. »

Todavia lança-o com uma indifferença estudada e onde o calculo somente é o môtôr daquella imaginação fogosa.

Não tem amor; na sua frente vê-se aquelle estigma que o Fausto disse de Margarida.

Não poder amar!.. gasta descrente pelas orgias, é inteiramente sceptica, motivo por que conhece com maestria a arte da seducção e a emprega com grande vantagem e proveito. De Balsac disse de outra o mesmo que poderíamos dizer de X.— Chora para seduzir e seduz para enganar.—

O unico agente forte d'aquella alma gasta e perdida é a contrariedade, uma vez excitada no seu amor proprio desenvolve a caricia e prodigalisa affectos de uma maneira prodigiosa. E' assim que pratica loucuras que parecem amor sem ser.

Procede emfim como dice Eugenio Sue.

« Obstinção orgulhosa de um espirito impaciente com a resistencia da abnegação —mas não a obstinada dedicação da paixão. »

Ha no entanto nella uma corda sensivel que ainda a não souberão vibrar, e desgraçado de quem tiver essa louca pretensão!

Homens e jovens não vulgares têm sido victimas de um fogo lento que só ella sabe atear.

Mirrados e extorcendo-se nas ancias de uma morte phisica e moral conhecemos muitos moços que aliás erão dignos de melhor sorte.

Sua vida é turbulenta como a sua imaginação; frequenta os theatros, os Alcazares, os Hoteis, gosta dos vinhos generosos e sobretudo do champanhe de *la veuve Cliquot*, porque, diz ella, é o mais caro.

Ama apaixonadamente o luxo e viveria n'elle se houvesse quem o administrasse.

A proposito!.. mas contar-vos-hei mais tarde a historia de uma perola encontrada por um irmão das almas no Mangue do Atterrado, tirada do lôdo por esse servo de Deus, ella procura hoje encastoar-se, e representar n'esse diadema impuro da sociedade que lhe compete, a principal figura. E faz muito bem.

Deixando os desvios a que insensivelmente levou-me a penna, continuemos com o nosso typo faceiro e encantador.

X morando actualmente na Gloria tem esperanças de ganhar o reino do céu por meio de uma regeneração evangelica que começará quando tiver os seus 50 annos. Não está muito longe d'isso porque já conta os seus 29 a 30.

Ha um facto na vida intima desta mulher que verdadeiramente surprehende.

Muito em segredo meus caros leitores, vol-o contarei; mas haveis de prometter e jurar que nada lhe direi para que não se vingue de mim.

Não sou como o meu antecessor que abusando do seu estylo elegante e zombando da flexibilidade de sua penna achava que podia dizer as verdades duras e certas sem ao menos atavia-las de modo que podessem comparecer ante vós: Não as direi eu porém procurarei contal-as sem que as minhas benevolas heroínas tenham motivo de zangar-se commigo.

O 1º author dos « Typos perigosos » deixou de escrever porque não quer comprometter-se com esses *typos* que apesar de serem *perigosos* não deixão comtudo de serem uteis e necessarios á vida que carece, de encantos e affagos para adoçar esta existencia tão pezada e cheia de decepções.

Não ha muito tempo que ouvi dizer a um amigo nosso.

« A mulher perdida é o ente mais necessario á sociedade: é ella o alvo, o objecto dos estudos romanticos-sociaes, e para o qual a mãe de familia deve olhar com a mais apurada attenção. »

A verdadeira moral caminha sempre a par de uma torpeza, esta é o fendo escuro: aquella, sublime relevo.

Mostrando-vos pois a vida cheia de tranzições, de lances difficeis, de decepções e cuidados que levão estas mulheres bastar-vos-hia citar os elegantes e verdadeiros versos de Eduardo Villas Boas.

« Trajando gallas nos encantos bella
Caminha ella sem sauda-la alguem? »

Mostrando-vos pois como disse tenho convicção que ha nos meus escriptos o principio moral tão altamente apreciado.

D. CLARA.

(Continúa.)

Historia commercial.

Era uma vez um negociante, que tinha uma mulher excessivamente desejosa de possuir custosos diamantes; — mas, não obstante ella ter interposto a sua protecção a favor de negocios muito importantes para seo marido, este achava sempre boas razões para espaçar o cumprimento d'uma promessa que fizera havia muito.

Um dia, tendo elle chegado da Praça, entrou no quarto de sua mulher.

— Minha amiga, lhe disse, ha muito tempo que deseja um enfeite de diamantes ; não é assim ?
 — Mas já lhe perdi as esperanças, respondeu ella.
 — Pois fizeste mal : é chegado o momento de os teres.
 — Será possível !
 — E' verdade. Soffri hontem na Praça uma perda importante, que é necessario occultar.
 — Nunca me dêste tão boas razões para me negar o enfeite.
 — Enganas-te ; eil-o aqui.
 E lançou sobre a mesa os diamantes maiores e mais bonitos que é possível encontrar-se. A mulher vae examinal-os com avidez : fal-os brilhar á luz e lança o collar ao pescoço.
 — Que bellos diamantes ! exclamou.
 — Que dirias, minha amiga, se visses estes diamantes n'outra mulher ?
 — O mesmo que digo agora : que são magnificos.
 — E de seo marido ?
 — Que é um excellento homem, e o melhor e mais generoso dos maridos.
 — E se te viessem dizer : — pois affirma-se que perdeu hontem na Praça consideraveis fundos ?
 — Ah ! comprehendendo !... Dizia : é impossivel, por que gastou uma grande porção de contos de réis, nos diamantes com que brindou sua mulher.
 — Muito bem. Temos amanhã um *soirée*. E' necessario que appareças com os teos diamantes.
 E apartarão-se.
 No dia seguinte a mulher fez no baile uma grande colheita de admirações e de elogios ao seo rico enfeite, que lhe conquistou tambem não pouco odio e inveja da parte d'outras mulheres.
 No outro dia pela manhã, a feliz esposa lia os jornaes em quanto sua creada a penteava. De repente pára n'um artigo, em que apparece seo marido designado por iniciaes.
 No mesmo momento entrava elle. Sua mulher deitou o jornal para debaixo da mesa.
 — Ainda não viste hoje os jornaes ? perguntou ella.
 — Os jornaes !... Ah ! sim... ainda os não li ! Todavia, falta aqui um... acerescentou procurando.
 — Oh !... não viria. Ou talvez se perdesse, respondeo a esposa titubeando.
 — Espera ! Está ahi debaixo da mesa.
 — Ah !... Não o tinha visto. Agora deixa-m'o lêr primeiro.
 — Não, dou-t'o já : quero só lançar-lhe os olhos.
 — Mas tu não deves lêr os jornaes... Que raça de jornalista !...
 — Que te fizerão ? perguntou o marido com ar d'innocencia.
 — Nada, fallo em geral.
 — Mas que diz o jornal ?
 — Ouve... não se póde impedir que os invejosos fallem... promettes-me uma cousa ?
 — O que ?
 — Que te não has-de zangar... Ha um artigo...
 — Mas dizias que não tinhas lido !...
 — E' que... os homens são tão ridiculos algumas vezes com o seo ponto de honra !..
 — Vejamos pois !
 E arrancando-lhe o jornal das mãos lêo alto, em quanto sua mulher tremia e estava pallida de susto :
 « Ainda um escandalo ! Ainda um destes lobos famintos, cuja fortuna insolente se fórma dos despojos dos desgraçados ! Parece que M. B. foi feliz n'alguma grande especulação, porque sua mulher apresentou-se hontem no baile de C... com tão bellos diamantes, que os entendedores lhes dão um preço fabuloso ! »
 — Ah ! meo amigo, promettes-me ?...
 — Deixa-me ; vou agradecer ao auctor ! exclama o marido.
 — Não faças motim.
 — Como ! E' um dos meos amigos !
 — Comprehendo a tua indignação ; mas...

— Quem te falla d'indignação ? Vou agradecer-lhe, e convidal-o para almoçar connosco.
 — Mas... Um homem que te insultou !...
 — Elle ? ! O meo melhor amigo !
 — Mas, este artigo ?...
 — Ah ! O artigo... fui eu mesmo que o fiz ; tenho só a agradecer-lhe por m'o ter publicado no seo jornal.
 — Ora essa ! Não comprehendo !
 — Pois bem. — Vou esclarecer-te. Qual é a impressão que resulta desse artigo ? Suppõe que não se tracta de mim, mas d'um outro homem ; que pensarias tu desse... de quem se escreveo o que acabas de lêr ?
 — Que é um velhaco !
 — Sim ; mas um velhaco feliz... um velhaco que acaba de ganhar muito dinheiro. E' esse o meo fim. E que pensarias dos diamantes ?
 — Que forão dados e recebidos na peor occasião.
 — Não é isso que pergunto... Que juizo farias dos diamantes, independentemente das circumstancias e das pessoas ?
 — Que são magnificos... até ao escandalo !
 — Pois bem ! eu soffri uma grande perda, e os teos diamantes são falsos !
 — Grande Deos !
 — Tranquillisa-te. — Estas linhas que tanto te irritarão são a marca do contraste dos teos diamantes, e ninguém se lembrará de que elles são falsos. Cada um dos que lerem este artigo, guardará na memoria a data da sua apparição e a prova incontestavel da sua belleza e merecimento. Ha quem goste mais de dizer mal d'um homem do que d'uma pedra. Tanto se fallará a favor dos teos diamantes, como contra mim ! Brevemente lhes darão um preço fabuloso, e eu serei declarado velhaco escandaloso, mas rico, e terei assim readquirido o meo credito, por um momento abalado.

SCENAS SOCIAES.

APONTAMENTOS ESTHETICOS, PLASTICOS, LYRICOS, ARTISTICOS, CUBICOS
 HYBRIDOS, ETC.

Pretensões a Revista.

Uma seria observação tem provado que ha uma certa especie de gente, que embora tenha o dom intellectual rebustecido com alguns conhecimentos, não tem utilidade alguma na sociedade, pelo contrario torna-se verdadeiramente perigosa entre a gente modesta e sizuda.

E' grande a abundancia d'essa raça, que vem para este paiz.

Quem quizer aqui fazer fortuna é pertencer áquella classe de gente.

Compõe-se ella na maior parte de titulares, fidalgos e cavalleiros modernos, é seo costume entre nós impôr sempre, e dar a si e aos seos conhecimentos uma largueza espantosa, apresentando como documento, não só os seos titulos, como tambem qualquer acção de que tenha recebido louvor, embora muito pouco merecido.

E' vaidosa ao excesso, e convieta do valor da sua grande intelligencia, não admite a critica de ninguém, e chega ao ponto de ridicularisar aquelle, que lhe faz a mais minima observação.

E' hoje uma verdade incontestavel, ser essa gente a que mais predominio tem na sociedade do actual seculo das luzes.

Quando lança mão da penna, julga atemorizar todos e subjugar com o seo talento aquelles, que aliás com imparcialidade lhe notão qualquer, não direi *erro*, mas ou menos falta que por ventura se lhe note em suas produções ; e quer immediatamente iudemnisa-los com a sua resposta de que : *está collocado mais alto do que os que o agriDEM*, como se a critica fosse offensa individual.



Ahi vem cousa!... Oh! é a minha engommadeira!...



Quero, quero! Já disse, não attendo a observações.



Cura pela camphora, oh! se cura.



Eu não heide capitular minha comadre quero morrer com a bacia na mão.



MAITRE' BATON.

Musica de viagem podendo-se cantar em todas as linguas, os cantores abrem a bocca, a musica faz o resto

Tudo leva portanto a crêr que o *parvenu litterario*—, como lhe ficaremos chamando, é uma figura digna da analyse da nossa sociedade.

Estas razões quasi que nos resolverão a tomar esta semana a penna para discutir este assumpto na chronica do *Merrimac*.

Porém no proximo numero, contamos dar uma exposição mais minuciosa da personagem de que fallei, publicando mais ou menos a sua historia.

Nem eu sei que mais deve occupar esta semana o espaço guardado para a chronica do *Merrimac*.

E' facto, eu tenho ultimamente tomado medo a escrever para o publico, temendo enganar-me nos complementos *directos e indirectos*.

Infelizmente não temos *casos* nesta nossa lingua, porque então eu determinava-os de tal maneira, que tinhamos um padre no nominativo e um fidalgo no accusativo, e depois analysava-se com perfeição pelas terminações.

E' por essa razão que os antigos Romanos tinham os seus *Homens de Merito* n'uma ordem mais nomenclatica.

Emfim eu como não posso usar dos *casos* quasi que nem sei por onde começar.

Espera, agora me lembra que chegou na semana ultima, o paquete do *velho mundo*.

Não ganhei porém cousa alguma com semelhante lembrança, porque, se os *pelotiqueiros* politicos daquelle mundo, fizerão alguma vez menos evoluções, foi de certo na quinzena primeira de Outubro.

O grande politiqueiro mestre, o homem de borracha, fez um grande discurso á companhia sobre a distribuição dos ganhos dos ultimos annos, e conveniencia de começarem agora os trabalhos de maneira diametralmente opposta aos antecedentes.

Fallou muito, muito... e até mesmo fallou bem, porém os pobres artistas, que nada entendem de linguagem classica, disserão todos que elle tinha muita razão, mas até hoje tem dado voltas ao miolo para saberem o que o *mestre* quiz dizer.

Os mais entendidos, taes como os nossos conhecidos acrobatas Alexandre, Frederico, Victor, Luiz, Christiano, e as amazonas Victoria e Isabel, tem entre si discutido, afim de decidirem se todo aquelle *aranzel do mestre* não dará em resultado, elle abalar com a caixa d'associação e dividir as economias dos outros pelos seus parentes que são tão numerosos.

Eu cá por mim estou desconfiado da mesma cousa.

Li o que o homem disse, porém... porém... não sei o que quiz dizer.

Eu por mim não me admiro, porque sou pouco versado em gymnastica, porém os outros que trabalham ha annos, admira que deixem emballar por toda aquella patacuada.

Hoje o circulo das evoluções é na Polonia, e aquella gente que dizem os americanos estão muito atrasados em civilisação, dão por lá taes cambalhotas, que eu estou vendo que em pouco tempo acabão com a população da Europa.

Se a civilisação ensina assim a degollarem-se e a enforcarem-se uns aos outros, que a leve o diabo.

Ao menos por cá não sei se é por haver pouco progresso, respeitemos a vida dos nossos semelhantes.

O nosso Alexandre, o homem mais humano que tenho conhecido, trata o povo polaco pelo systema orthopedico.

O *Pantaleão*, que quer passar por grande cirurgião, em vista da sua grande clientella, vê o outro quebrar braços e pernas, e não vai emendar a operação, o que prova exuberantemente que tem medo da sciencia do outro, e assim deixa morrer os pobres mutilados, querendo sempre passar por grande amigo da humanidade, desculpando-se com a falta d'instrumento e trabalhos de outras operações de cuja cura eu ainda duvido.

E' um quadro digno de merecer a attenção de todo o mundo.

Alexandre consentio que o outro se apropriasse de uma pro-

priedade sem documentos, e o nosso *Pantaleão* quer-lhe pagar, consentindo que elle tambem roube, uma propriedade para cujo roubo lhe é necessario matar até o ultimo herdeiro.

Olhem é que agora assim, o negocio faz rir.

Occupão-se os tribunaes lá no velho mundo, a condemnar um homem porque matou outro, muitas vezes com razão, e para darem o exemplo, abrem no meio da Europa um circulo em que os humanos se matão, mas não em guerra franca, não senhor; esfolão-se, enforcão, etc., etc.

E que tal?

Não estamos mais adiantados que no tempo do Imperio Romano.

Nesse tempo lançavão-se os escravos ás feras deshumanas; e agora lanção-se os velhos, as mulheres e as creanças as feras, porém humanas.

Se mudamos na forma, pelo menos na essencia creio que não.

Nem eu tenho mais coragem para continuar sobre o assumpto.

Não me parece que taes noticias possam convir para progredir: pelo menos naquelle genero; porque se assim fosse, mais dias menos dias, andavamos por ali aos sopapos pelas ruas.

Deos nos livre, amen!...

Fallemos de cousas que nos dêem mais conhecida utilidade.

Por exemplos de theatros.

Quanto a companhia lyrica, vejão-na por um oculo, ou esperem pelo balão do Nadar para irem a Paris vêr a Lotti e a Lisboa o Mongini e voltarem em duas horas.

Por cá, meos leitores!.. esperão em vão, o barracão pedio a demissão do Lyrico, e está hoje feito-Circo Equestre Gymnastico.

Pobre paiz! pobre governo!... pobre theatrol!...

E no entanto mesmo pobres, todas tres tem enchido a barriga a muito barão, e a muito especulador.

Um dos ultimos conheço um que a barriga já com palmo e meio.

Do regimento do Gymnasio, quer aquartelado em S. Francisco, quer no campo d'Acclamação, já não digo nem uma só palavra.

Silencio profundo...o que traduzido quer dizer: andarão perfeitissimamente.

E' verdade que eu podia responder-lhes.

Sem fallar não póde a gente
Causa alguma avaliar;
Nem prohibe a lei moderna
Grandes mestres criticar.

Mas nada: não quero, está dito.

Deixa-me meter o nariz no S. Pedro, porque esse é modesto e não dá cavaco.

O theatro anda em barulho com o *corsario*, que sempre é gatinha dos diabos.

O publico porém deve ir vêr, que merece a penna.

A direcção não se poupou a esforços, e o desempenho, das mudanças se na extenção da palavra não foi bom, foi muito regular.

O grande numero de personagens que entrão no drama, deo causa a pisarem no palco, alguns que ignorão completamente a arte.

O drama, vamos dizel-o com franqueza, não estava, segundo nos disserão, muito bem ensaiado, mas com duas representações mais ficará melhor, porque produzirá grande effeito sendo bem desempenhado.

Do bom S. Januario tambem nada digo, não é por medo porque elle está velho: mas porque vive na maior mansidão sem dar o mais minimo incommodo á policia.

Serve hoje de deposito de roupa suja.

Ao menos o governo que lhe dê tambem um subsidio.

N'esta semana temos que dizer duas palavras sobre o nosso

sempre estimado mestre Bartholomeo, a quem Deos guarde.

No sabbado 5 do corrente, deo-se no Circo Olympico um beneficio a favor dos portuguezes de Cabo-Verde.

Não é lá porque o mestre Bartholomeo me mandasse dous bilhetes que eu não digo mal d'elle, não senhor, mas é porque na verdade a cousa esteve boa.

Segundo o meu parecer a companhia de mestre Bartholomeo é tão digna de louvores, como a desses *Fraldiqueiros* americanos; afianço-lhes que as evoluções gymnasticas, os volteios, os saltos aéreos, etc., etc., são muito bem desempenhados.

A idéa dos que offerecêrão o beneficio é para mim de tão respeitavel consideração, que eu desisto de fallar n'isso no *Merrimac*, porque o logar é improprio.

Olhe que fiz um grande elogio ao nosso *Merrimac*, não tem duvida!...

Eu por minha parte declaro que prefiro quem diga mal de mim, pois me acho collocado superior á posição dos meus *offensores*; creio que comprehendem, e o *Merrimac* não se póde offender.

Já basta: vamos ao assumpto.

Estamos chegados ao anno bissexto, isto é, aos clubs, com mais quantidade, porém que nem sempre tem mais valiosidade.

Na rua d'Ajuda houve questão forte e o bom do mestre Martin não fez caso do negocio, porque teve medo que lhe fossem á carépa.

Mas lá me ia esquecendo dizer quem foi o motor da questão; pois, senhores, o cantor Fiorelly, que quiz (segundo o termo por elle empregado) *casser le né au monde de Rio* — porém le monde de Rio, assim como é bom para lhe dar de comer, foi igualmente bom em lhe ensinar a cantar, porque estou (aqui para nós) que o Fiorelly nunca aprendeu a cantar.

Quer o publico vêr quanto vale?... quer castigar o Alcazar? não vá lá mais, e verá a prôa do mestre Arnaud batendo contra os rochedos e despedaçando-se.

O El-dorado tambem se acha n'outra dansa quasi semelhante com a *eximia artista* (não lhe sei a nação) *Amelia de tal*.

Olhe que aquillo em belleza e talento não tem quem lhe ganhe.

Amelia cantou muito mal, o publico declarou-o francamente, porém o mestre (porque não lhe quero chamar *maestro* que isso *offenderia a classe musical*) segundo lá o seo compasso cantou ella muito bem e portanto quiz defendê-la; e quando o quizerão reprehender, respondeo que era *francez e que só indo o consul acudiria ao chamado da autoridade*.

E que tal? de maneira que podem-se quebrar cabeças sem licença do consul, porém não se póde pegar um homem sem sua licença.

Sim, senhor, vamos muito bem.

E o que é mais bonito, é que a autoridade concordou perfeitamente n'uma cousa que eu julguei quasi impossivel.

Note-se que mestre Brisson andou n'este negocio como bom cavalheiro, fazendo vêr ao maestro que devia ceder.

Seja isto dito para honra dos emprezarios futuros.

Sempre lhes vou dar uma noticia; é que grande numero de acontecimentos vão ter logar no Alcazar e El-Dorado, e eu vou estudar o negocio sobre *cartas calções* *Risette* etc., para poder dar uma analyse succinta; mas já lhes assevero que os hei de daguerreotypar com exactidão, para cujo fim já tenho alguns esclarecimentos.

Hade ser uma historia bonita, não tem duvida.

E... e... que mais? só isto, porque tenho já fallado de todos os acontecimentos theatraes e espectaculos, ou como lhe queirão chamar, divertimentos publicos.

Conta-se que vamos ter mais um, que será denominado — *El-escuro* — com escriptorio em casa da Sra. *Thié*.

Eis o que ha de novidades lyricas, dansantes, dramaticas, physicas, e etc., menos maritimas.

Socialmente fallando, não sei que hajão grandes acontecimentos a não ser os que passo a citar.

Revolta em casa de um subdelegado.

Proxima quéda em bancarrota aberta de um negociante matriculado.

Versos truncados.

Um dia Julia colhia
No quintal lindo jasmim,
Eu a ella aproximei-me
E logo fallei-lhe assim:

Dai, oh! Julia, esse jasmim
A quem a vida te deu
Amor, alma e coração.
— A quem, Sr. João,
Diz Julia toda espantada,
— A mim?
Deixa o meu pobre jasmim,
Que não é para o senhor, não!
— Dai-me Julia esse jasmim,
Lhe disse então despeitado.
Procuro o jasmim roubar,
Mas ella tropeça e cahe,
E logo começa a gritar.

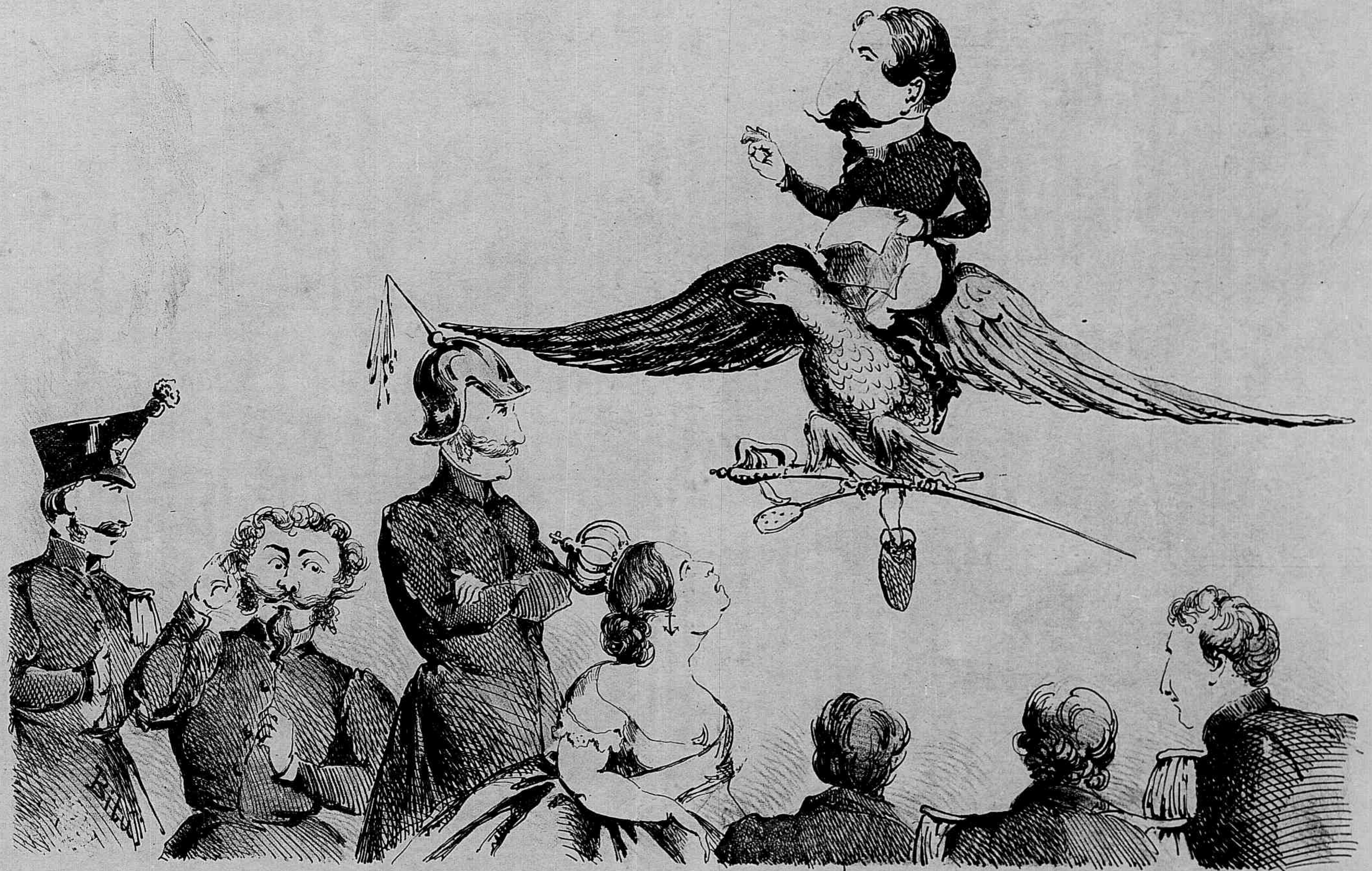
Chega o pai e a madrinha
— Ha de casar, meu senhor,
Ha de casar, oh! pois não,
Ha de casar com Julinha —
Ou um dote a minha filha
Ha de em continente dar?!
Um dote por um jasmim!
— Sim, senhor, logo diz Julia
— Machucou o meu jasmim
Essa flôr tão delicada
Que trazia junto a mim!

— Do senhor prefiro o dote
Casar-me não quero, não,
Se machucou-me o jasmim
Outro têm meu coração.
— Antes quero, bella Julia,
Offertar-te a minha mão
Quando não outro virá
Machucar-te o coração.
E Julia toda faceira
Replicou mui feiticeira:
— Oh! pois não!

Tivemos muitos filhinhos
E o meu caro Serafim?!
Brincava sempre com flôres,
Com preferencia o jasmim.
E me dizia, innocente!
— Eu, papai, machucarei
A todas as flôres, sim?
Mas nunca hei de maltractar
Ao meu lindo jasmim.

VIANNA JUNIOR.

Rio de Janeiro.



A arenga polttica pouco convence. O mestre fallou bem, mas não persuadio. Tempo perdido.